

A cidade heroica e o nascimento de uma nova ordem na “Carta a Stalingrado”, de Carlos Drummond de Andrade

A heroic city and the forthcoming new order in “Letter to Stalingrad”, by Carlos Drummond de Andrade

Adriano de Paula RABELO*

Universidade Federal de Kazan (КФУ), Rússia

RESUMO: O poema “Carta a Stalingrado”, de Carlos Drummond de Andrade, foi escrito sob o impacto das notícias, lidas nos jornais, que informavam sobre a vitória da União Soviética sobre o exército nazista. Escrito na forma de uma carta para uma cidade heroica e personificada, o texto se realiza como uma construção poética poderosa, utilizando recursos fonéticos, morfológicos e semânticos que lhe proporcionam grande densidade expressiva como representação da emoção que tomou conta do mundo livre ao saber da vitória do Exército Vermelho, o que representava um ponto de virada na Segunda Guerra Mundial, abrindo caminho para a vitória definitiva sobre o totalitarismo de extrema direita. O vocabulário, a sonoridade, as metáforas, o tom épico do texto estão em consonância com a reflexão acerca da busca de um mundo mais justo. Assim, a vitória de Stalingrado é saudada pelo poeta como uma espécie de parto dolorido de uma nova ordem mundial.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Segunda Guerra Mundial. Engajamento. Heroísmo. Nova ordem mundial.

ABSTRACT: Poem “Letter to Stalingrad”, by Carlos Drummond de Andrade, was written under the impact of the news, read in the newspapers, reporting on the victory of the Soviet Union over the Nazi army. Written in the form of a letter to a heroic and personified city, this text is a powerful poetic construction, using phonetic, morphological and semantic resources that give him great expressive density as a representation of the emotions that took over the free world upon learning about the Red Army’s victory, which represented a turning point in the Second World War, paving the way for the definitive defeat of far-right totalitarianism. Vocabulary, phonetic effects, metaphors and the text’s epic tone are in line with the reflection on the search for a fairer world, which was one of the main aspects of this book. So, the victory of Stalingrad is seen by the poet as the painful birth of a new world order.

KEYWORDS: Poetry. Second World War. Engagement. Heroism. New world order.

* Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (2004). Professor associado no Departamento de Línguas Europeias da Universidade Federal de Kazan (КФУ). E-mail: adriano.rabelo@alumni.usp.br

1 Stalingrado e os acontecimentos que a cidade protagonizou

Stalingrado, cidade localizada no sudoeste da Rússia, às margens do rio Volga, que após o fim da União Soviética passou a se chamar Volgogrado, tornou-se famosa pelos acontecimentos que ali tiveram lugar entre agosto de 1942 e fevereiro de 1943. Trata-se do que ficou conhecido como a batalha de Stalingrado, a maior da Segunda Guerra Mundial, com um saldo de aproximadamente dois milhões de mortos. Foi um dos combates mais sangrentos da história, ficando marcado como ponto de virada na guerra, quando a vitória começou a se definir em favor dos Aliados e contra os regimes totalitários de extrema direita.

Os acontecimentos de Stalingrado fazem parte da chamada Operação Barbarossa, desencadeada pelo exército nazista no mês de junho de 1941, tendo como objetivo a conquista da União Soviética por meio de três frentes: Leningrado (hoje São Petersburgo), segunda maior cidade da Rússia e importante centro político, econômico e cultural; Moscou, capital e centro de decisões da União Soviética; e Stalingrado, cidade estratégica em virtude de seu parque industrial então voltado para a produção de material bélico para o esforço de guerra do país.

Em maio de 1940, os nazistas haviam conquistado a França por meio da estratégia chamada *blitzkrieg*, que consistia na realização de um ataque fulminante de infantaria, força aérea e tanques num determinado ponto da defesa inimiga, abrindo uma brecha pela qual se podia penetrar no centro de comando das forças rivais e imobilizá-lo. No caso da França essa estratégia funcionou muito bem, sendo o país conquistado em apenas quarenta e seis dias. Isso surpreendeu as forças aliadas, pois esperava-se que a resistência francesa fosse muito maior do que efetivamente aconteceu, e em junho daquele ano o próprio Hitler chegou a desfilhar por Paris, saudando os seus generais. A pouca resistência dos franceses foi considerada por muitos como vergonhosa, e o êxito nazista fez com que aumentasse a sua ambição por novas conquistas. Assim, no ano seguinte seria desencadeada a Operação Barbarossa contra a União Soviética, seguindo a mesma estratégia usada contra a França.

O que os nazistas encontraram na União Soviética, no entanto, foi muito diferente do que ocorreu na França. Houve uma resistência encarniçada tanto por parte dos

militares quanto da população civil russa. Num livro sobre os acontecimentos de Stalingrado, o correspondente de guerra Alexander Werth apresenta o seguinte episódio:

Para ilustrar o vínculo estrito que unia o exército e a retaguarda, Lidin cita o caso de um soldado chamado Ptítsin, cuja esposa havia ouvido falar que ele dormira enquanto estava em serviço e que, em seguida, escrevera ao comissário do partido para lhe solicitar que repreendesse o seu marido. (Werth, 2015, p. 25)

Esse espírito aguerrido por parte dos soviéticos fez com que a operação de conquista lançada pelos nazistas, que se pretendia rápida e eficiente, se prolongasse por vários meses sem os resultados esperados. Com isso o *front* russo foi se tornando prioritário para os alemães, e a vitória passou a ser, para eles, uma questão de honra. Dentre todas as frentes, muito especialmente derrotar Stalingrado era fundamental para os planos nazistas, uma vez que a cidade não apenas sediava um dos maiores parques industriais da União Soviética, como estava localizada às margens do rio Volga, que dava acesso a outras importantes cidades russas e também ao Cáucaso, onde estavam localizadas muitas fontes de recursos minerais que faziam diferença na guerra.

Com a notícia de que os alemães estavam se aproximando de Stalingrado, parte da população foi alocada para outros lugares. Quando as forças nazistas chegaram, o ataque teve início com pesados bombardeios por parte de sua força aérea, devastando grande parte da cidade. Em seguida as forças terrestres adentraram no perímetro urbano. Tudo parecia começar muito bem para os alemães. Quase dois meses depois, Hitler estipulou um prazo para que Stalingrado fosse conquistada, chegando a transferir recursos de outras frentes de batalha para que seu objetivo fosse atingido o mais rapidamente possível.

Os soviéticos, por sua vez, estavam decididos a defender a cidade, custasse o que custasse. O próprio Stálin emitiu uma ordem para a execução de todos os soldados que se recusassem a lutar ou que desertassem, o que resultou em milhares dessas execuções de soldados soviéticos por soldados soviéticos ao longo dos seis meses de duração da batalha de Stalingrado.

Em pouco tempo os dois lados do conflito se viram imersos numa realidade infernal. Combates aconteciam diariamente, sendo realizados em plena rua, disputando com fúria a conquista de territórios mínimos. Com isso, a destruição da cidade chegou a níveis catastróficos. Os soviéticos acabaram se beneficiando dessa situação, por

conhecerem melhor o campo de batalha e pelo fato de os montes de ruínas dificultarem o avanço dos tanques alemães e uma movimentação mais ágil de suas tropas. Ainda que isso inevitavelmente resultasse em grandes perdas, tão logo receberam novas e melhores armas, bem como mais soldados, os soviéticos buscaram diminuir a distância entre as linhas de fogo inimigas. Bem organizadas, realizando um trabalho tenaz, as tropas soviéticas foram aos poucos expulsando os alemães para fora do perímetro urbano de Stalingrado e encurralando-os. Com o correr do tempo, as tropas nazistas começaram a exaurir-se, assim como os recursos de que dispunham para a campanha de conquista. De modo que só lhes restou se renderem, o que ocorreu no início do mês de fevereiro de 1943. Isso representou o início da derrocada do poder nazista, que ainda se estendeu até os primeiros meses de 1945, quando foi completamente derrotado pelas forças aliadas.

Em seu livro *A batalha de Stalingrado*, Vassíli Ivanovitch Tchuikov, general que comandou a resistência e as ofensivas soviéticas na cidade, escreve o seguinte sobre o espírito daqueles que estavam sob suas ordens:

Os combates de Stalingrado demonstram a força hercúlea do cidadão e do soldado soviéticos. Quanto mais o inimigo rugia, mais tenaz e corajosamente combatiam os nossos soldados. O soldado sobrevivente esforçava-se por defender-se e defender o setor da frente: vingava-se por si e pelos seus camaradas mortos. Houve muitos casos em que soldados levemente feridos se envergonhavam, não somente de serem evacuados para o outro lado do rio Volga, mas até mesmo de ir ao hospital de sangue mais próximo para curar um ferimento. (...) A vitória sobre a Alemanha nazista foi obtida pelo heroísmo em massa das tropas soviéticas na frente de combate e pelo abnegado trabalho dos operários industriais e dos homens das fazendas coletivas na retaguarda. (Tchuikov, 1966, p. 202 e 401)

Como se vê, foi uma vitória de um povo, das pessoas comuns e de uma sociedade organizada, não de um a de um figurão que pudesse posteriormente se apresentar como herói de uma nação e a própria encarnação de seus valores.

A importância da batalha de Stalingrado é avaliada por Vassíli Grossman em *Vida e destino*:

Stalingrado e a ofensiva de Stalingrado contribuíram para criar uma nova consciência no Exército e na população. O povo soviético, russo, começou a entender a si mesmo de outra forma, e a se relacionar de outro modo com pessoas de nacionalidades diferentes. A história da Rússia começou a ser percebida como a história da glória russa, não como a história dos sofrimentos e das humilhações dos camponeses e dos operários russos. De elemento formal, o nacional se converteu em conteúdo, tornando-se um novo fundamento para a compreensão do mundo. (Grossman, 2014, p. 726)

Como se vê, ela representou um ponto de mudança na consciência que russos e soviéticos em geral tinham de si mesmos, elevando-lhes o moral e o orgulho nacional.

2 Uma poesia que responde a seu tempo

O poema “Carta a Stalingrado”, de Carlos Drummond de Andrade, foi escrito em 1943, pouco depois do anúncio da vitória do exército da União Soviética na longa e catastrófica batalha de Stalingrado. Ele faz parte do livro *A rosa do povo*, publicado em 1945. Nessa obra, Drummond dialoga com muitos elementos factuais da primeira metade da década de 1940, posicionando-se politicamente diante de acontecimentos que expunham a barbárie, a crise civilizatória e as cisões ideológicas que marcaram aquele período. Antonio Candido identifica essa vertente da poesia de Drummond como algo que tem início já em meados dos anos 1930:

Essa função redentora da poesia, associada a uma concepção socialista, ocorre em sua obra a partir de 1935 e avulta a partir de 1942, como participação e empenho político. Era o tempo da luta contra o fascismo, da guerra de Espanha e, a seguir, da Guerra Mundial — conjunto de circunstâncias que favorecem em todo o mundo o incremento da literatura participante. (Candido, 2013, p. 81)

A participação e o empenho político de Carlos Drummond de Andrade, que também podem ser chamados de engajamento, sempre foram bastante comedidos. Em seu engajamento nas causas do seu tempo, o poeta jamais chegou ao ponto de colocar sua arte a serviço de ideologias e programas políticos. Por isso ele escolheu não se filiar nem se submeter aos ditames de um partido. A luta do poeta foi sempre pelas causas humanistas maiores do que as ideologias e os partidos podem abarcar.

A guerra que se desenrolava na Europa — e que viria a resultar na criação de toda uma nova ordem mundial — é um dos temas mais fortes e mais destacados em *A rosa do povo*. Para além de retratar e analisar eventos que estavam redefinindo os rumos da humanidade, em muitos momentos, nesse livro, Carlos Drummond de Andrade também reflete sobre a possibilidade da expressão desses mesmos eventos, tão cruéis e antipoéticos, pela poesia. O próprio título do livro, que traz toda a carga simbólica da rosa associada ao povo, contém em si mesmo toda uma concepção da poesia como

patrimônio coletivo e agente emancipatório, o que se confirma a cada poema que compõe a obra.

3 A cidade de um indivíduo e a cidade da humanidade

Uma das características que mais sobressaem na poesia do modernismo é seu apego a aspectos cotidianos, circunstanciais. O próprio Drummond dá o desprezioso título de *Alguma poesia* a seu primeiro livro, e, ao longo de toda a sua obra, o dia a dia e o rebaixamento a que se reduziu a vida do homem moderno serão temas constantes. Se o que aconteceu na cidade de Stalingrado entre o segundo semestre de 1942 e o início de 1943 não é exatamente algo da esfera do dia a dia, embora todos os dias sejamos bombardeados por notícias de conflitos bélicos em algum recanto do planeta, a repercussão daquele acontecimento nos jornais, com seus desdobramentos sendo acompanhados pelos leitores nos mais diversos quadrantes do mundo, possui um aspecto que o aproxima do circunstancial. O desfecho da batalha de Stalingrado, com a vitória do exército soviético, fez com que todas as atenções do mundo se voltassem para a cidade russa. Diferentemente de outras cidades maiores e mais preparadas que se entregaram sem luta ao poder nazista quando foram invadidas, Stalingrado resistiu com bravura e determinação até a vitória final, a despeito das muitas perdas que sofreu. A essa cidade heroica, em grande medida, o mundo que se formou na segunda metade do século XX, livre da monstruosidade nazifascista, deve a nova ordem que se constituiu.

Murilo Marcondes de Moura, num estudo sobre a poesia brasileira que deu respostas ao que acontecia nos campos de batalha e nos centros de decisão durante a Segunda Guerra Mundial, faz um interessante contraponto entre Itabira, cidade natal de Drummond, que tanto define a sua identidade, e Stalingrado, a cidade com a qual ele e a humanidade tanto se identificavam naquele momento:

A cidade russa onde as batalhas atingiam a violência mais encarniçada, onde o exército alemão aparentemente imbatível se via paralisado, e depois derrotado, se tornava uma espécie de capital da guerra e centro do universo, onde se decidia o destino da humanidade. O poema marca a identidade da cidade de Itabira com a cidade russa. Itabira e Stalingrado podiam (...) ser aproximadas — uma, como fonte da intimidade, mas porosa ao universal; outra, como núcleo da luta coletiva e do tempo presente, mas redutível ao sonho individual. (Moura, 2016, p. 117-118).

Essa aproximação entre a provinciana cidade mineira, ligada à individualidade do poeta e aberta ao que se passava no mundo, com a cidade russa que naquele momento representava a fraternidade mundial poderia ser reproduzida quase *ad infinitum* no contraponto entre a cidade de identificação pessoal de cada indivíduo adepto dos valores humanistas e Stalingrado.

4 Carta poética para uma cidade valorosa

“Carta a Stalingrado” busca exprimir o sentimento de toda a gente democrática e progressista no momento em que foi anunciada, pelos jornais, a derrota do nazismo. Como o próprio título já indica, o texto se realiza na forma de uma carta enviada a uma Stalingrado personificada, tão personificada que a ela são atribuídos peitos “que estalam e caem” (Andrade, 2012, p. 128), “arquejo de vida” (*id.*, *ibid.*), “fria vontade de resistir” (*id.*, p. 129); e o sujeito ainda diz que se pode apalpar “as formas desmanteladas do teu corpo” (*id.*, p. 130), senti-la “como uma criatura humana” (*id.*, *ibid.*).

O primeiro verso é um vocativo com o nome da cidade seguido de reticências que expressam a emoção do sujeito enunciador, cuja voz parece estar embargada por um instante. Ao longo do poema, ele evocará o nome de Stalingrado sete vezes, sempre na condição de vocativo, pois se dirige à cidade, personificada em seus versos, como se conversasse com ela. Stalingrado é definida como “uma criatura que não quer morrer e combate” (*id.*, *ibid.*), e a combatividade dessa criatura é reiterada nas quatro vezes em que se usa a palavra “combate” no espaço de quatro versos, como a enfatizar a sua determinação em vencer aquela batalha.

A composição do poema se dá num fluxo verbal derramado, em versos livres e brancos à maneira celebrizada por Walt Whitman. Isso mimetiza aspectos de uma carta, reforçando a ideia de um emissor dirigindo-se a um interlocutor distante. Os vocativos, reticências, interrogações e exclamações presentes no texto também são características típicas de uma missiva.

Se o início do texto apresenta uma dicção que se aproxima da prosa, com as descrições e informações que fornece, gradativamente ele vai assumindo sua natureza poética por meio de um tom épico, embora jamais exaltado. A propósito, o caráter épico do poema, com sua narração de ações destinadas a permanecer na memória da

humanidade, já é anunciado no começo, quando há uma referência ao poeta grego que é o epítome desse gênero. Em tom menor, o sujeito enunciador diz que “os telegramas de Moscou repetem Homero” (*id.*, p. 128). Ou seja, o épico do nosso tempo não se dá pela exaltação dos feitos de um herói que encarna e simboliza uma nacionalidade, tal como Ulisses, Eneias ou Vasco da Gama nos poemas que protagonizam, mas por meio de comunicados fragmentários e anônimos que informam sobre uma grande vitória dos valores humanistas sobre a barbárie totalitária. Por isso, o sujeito argumenta que “Homero é velho. Os telegramas cantam um mundo novo” (*id.*, *ibid.*). Na realidade fragmentada do mundo moderno, na lógica da industrialização que nele se impôs, a brevidade do telegrama está em consonância com a precipitação e o sentido de urgência em que vivemos. Portanto, são essas comunicações fragmentárias que exprimem a realidade desse mundo novo.

Os jornais também são veículos fundamentais nesse processo, a ponto de o sujeito anunciar que “a poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais” (*id.*, *ibid.*). Naquele momento histórico, em tempo de guerra, eram os periódicos os responsáveis por reportar os acontecimentos épicos numa época que oferecia tão poucas oportunidades para o heroísmo, oportunidades essas que talvez tenham se reduzido ainda mais em nosso tempo, quando somos tragados pela burocracia excessiva, o trabalho sem sentido e o império do entretenimento.

Se a grandeza de outras cidades do mundo se construiu por sua riqueza, sua beleza, seu patrimônio histórico e artístico ou sua influência política e cultural, a grandeza de Stalingrado se deve a seu feito heroico, não se entregando, resistindo e derrotando um inimigo poderoso, que dispunha de uma devastadora máquina de guerra. Há no poema um recorrente contraponto entre essas cidades prestigiosas e a cidade russa, vista em fotografias nos jornais como “miserável monte de escombros, entretanto resplandecente” (*id.*, p. 129). Daí o espanto, a impotência e o apequenamento daquelas cidades — muitas das quais se renderam aos nazistas sem resistência — diante do feito extraordinário de Stalingrado:

As belas cidades do mundo contemplam-te em pasmo e silêncio
Débeis em face do teu pavoroso poder,
Mesquinhas no seu esplendor de mármore salvos e rios não profanados,
As pobres e prudentes cidades, outrora gloriosas, entregues sem luta,
Aprendem contigo o gesto de fogo. (*id.*, *ibid.*)

A vitória obtida pelas forças soviéticas na cidade russa ainda não representava o fim da guerra e a derrota definitiva das forças nazistas. Era, porém, muito alvissareira, a ponto de arrancar uma exclamação eufórica do sujeito do poema: “Stalingrado, quantas esperanças!” (*id.*, *ibid.*). A seguir, ele faz uso de todo um léxico muito positivo de coisas evocadas à menção do nome da cidade, antecipando o mundo novo que nascerá com a vitória sobre o obscurantismo hitlerista: “flores”, “cristais”, “músicas”, “felicidade” (*id.*, *ibid.*). Isso a despeito das imagens terríveis de destruição e morte que ele vê em fotografias de Stalingrado publicadas nos jornais:

De umas [*casas*] apenas resta a escada cheia de corpos;
de outras o cano de gás, a torneira, uma bacia de criança.
Não há mais livros para ler nem teatros funcionando nem trabalho nas
[fábricas,
todos morreram, estropiaram-se, os últimos defenderam pedaços negros de
[parede,
mas a vida em ti é prodigiosa e pulula como insetos ao sol. (*id.*, p. 129-130)

O sujeito, então, imagina-se a caminhar sozinho pelas ruas cheias de escombros e restos de pessoas mortas, com uma sensação de que o tempo foi suspenso, o que é ilustrado pelas imagens dos “relógios partidos” que ele também encontra em sua perambulação. E numa passagem de muito impacto o sujeito retoma a ideia da resistência e da combatividade de Stalingrado. Vale notar que essa ideia é magistralmente reforçada pela sequência de encontros consonantais em “cr”, “gr”, “rr”, “tr”, “br”, “fr”, “rt” na passagem que precede o desfecho do poema. É como se nesses versos o poeta mimetizasse o ressoar dos combates que se realizaram por aquelas ruas:

Uma criatura que não quer morrer e combate,
contra o céu, a água, o metal a criatura combate,
contra milhões de braços e engenhos mecânicos a criatura combate,
contra o frio, a fome, a noite, contra a morte a criatura combate,
e vence. (*id.*, p. 130)

Por fim, os versos que arrematam o poema adquirem um tom épico mais pronunciado, mais eloquente, embora reconhecendo que “a vitória das cidades (...) por enquanto é apenas uma fumaça subindo do Volga” (*id.*, *ibid.*). Ou seja, ainda há uma indefinição quanto ao resultado final da guerra, mas a vitória de Stalingrado foi um passo fundamental para a formação de um “colar de cidades, que se amarão e se defenderão contra tudo” (*id.*, *ibid.*). Portanto, trata-se de uma vitória inspiradora e instigadora do heroísmo também possível em outros lugares. Esse “colar de cidades”

que irá se formar representará o fechamento do cerco sobre o inimigo nazista até o seu completo esmagamento. Em consequência disso, ocorrerá o que o último verso anuncia triunfalmente: “a grande Cidade de amanhã erguerá sua Ordem” (*id., ibid.*). “Cidade” e “Ordem”, em maiúsculas, adquirem *status* de símbolos, remetendo ao mundo novo e melhor que haverá de surgir. Stalingrado, portanto, teria criado condições para que se pudesse ao menos sonhar com a utopia de uma humanidade emancipada. A própria Stalingrado pode ser interpretada como metonímia de um mundo caótico, em ruínas, mas que estará pronto para se refazer em outras bases, mais justas, após derrotar a barbárie.

Considerações finais

“Carta a Stalingrado”, como se viu, faz parte de um estágio na trajetória poética de Carlos Drummond de Andrade em que ele escreveu sob o impacto de acontecimentos que colocavam em cheque a própria ideia de civilização tal como ela se construiu ao longo dos séculos no chamado Ocidente. Seu livro *A rosa do povo* representou o auge da vertente político-social em sua obra, reunindo diversos poemas de grande poder expressivo e refinamento formal. Nele, Drummond amplia a temática de sua poesia e diversifica seus recursos estilísticos. Escritor de profundos valores humanistas, o poeta mineiro não se furta a refletir sobre as grandes questões de seu tempo, ainda mais naquele momento, quando a barbárie nazifascista ameaçava fazer sucumbirem os valores civilizatórios mais fundamentais.

Como se viu, a cidade de Stalingrado, tal como retratada no poema que analisamos, é elevada à condição de símbolo de um mundo esfacelado. Como quase toda a intelectualidade de esquerda na época, Carlos Drummond de Andrade via a União Soviética não somente como o oposto da monstruosidade totalitária de extrema direita, mas também como alternativa às iniquidades e injustiças do sistema capitalista. Era praticamente um sinônimo de liberdade e emancipação da humanidade. Ainda não haviam sido reveladas as barbaridades cometidas pelo sistema — também ele totalitário — sob o comando de Stálin.

Não se pode esquecer que o Brasil mesmo vivia sob a ditadura do Estado Novo, comandada por Getúlio Vargas, regime que tinha muitos pontos em comum com o

fascismo, tendo cometido inúmeras atrocidades contra opositores políticos. A vitória de Stalingrado representava o triunfo de valores muito distintos daqueles identificados com o populismo e o autoritarismo que grassavam no Brasil, e o poema também poderia ser lido de modo a conter uma mensagem de repúdio ao estado das coisas em nosso próprio país.

“Carta a Stalingrado” é também o testemunho poético de um acontecimento da maior importância. Se os relatos jornalísticos e mesmo históricos tendem a envelhecer rapidamente e se tornar datados, a força expressiva da poesia confere ao fato um significado profundo e duradouro, atemporal, que fala a todas as épocas posteriores.

Nesse poema, Drummond realiza uma transfiguração do épico em bases modernas. Trata-se, obviamente, de um épico rebaixado em tom, peripécias e reviravoltas, muito distinto do épico de Homero, paradigma do gênero, que chega a ser citado no poema. Num mundo em que o ser humano se rebaixou tanto, enredado pela burocracia, o cotidiano repetitivo e mesquinho, as obrigações profissionais e financeiras, a fragmentação de sua condição de peça substituível no sistema capitalista, o épico moderno reduz-se às comunicações fragmentárias que chegam por meio dos telegramas de Moscou, que, no entanto, dão a notícia do feito extraordinário que teve lugar em Stalingrado. A partir desses telegramas e das notícias lidas nos jornais, o poeta, aquele que resiste à banalização da linguagem e ao descalabro do mundo, haveria necessariamente de se identificar com uma cidade que, com sua resistência heroica, foi capaz de vencer as forças destrutivas e anti-humanistas do nazifascismo. Por sua grandeza e seus méritos, ela é vista como um modelo que deveria ser seguido por outras cidades.

Se o mundo havia mergulhado nas trevas da destruição, da barbárie e da pulsão de morte, Stalingrado representava a esperança de que a humanidade pudesse regenerar-se e construir um futuro emancipatório por meio de uma nova ordem, baseada no respeito mútuo entre os povos e na fraternidade entre as pessoas. Daí que, em meio à catástrofe, nela “a vida pulula como insetos ao sol” (*id.*, *ibid.*), isto é, a pulsão de morte representada pelo nazifascismo não venceu nem vencerá. E das próprias ruínas Stalingrado, metonímia do mundo, será reerguida. Da mesma forma, a humanidade combatida haverá de se reinventar a partir das lições de heroísmo e resistência tão duramente aprendidas com os eventos que tiveram lugar na cidade russa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013.

GROSSMAN, Vassíli. **Vida e destino**. São Paulo: Alfaguara, 2014.

MOURA, Murilo Marcondes de. **O mundo sitiado: A poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Editora 34, 2016.

TCHUIKOV, Vassíli Ivanovitch. **A batalha de Stalingrado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

WERTH, Alexander. **Stalingrado, 1942: O início do fim da Alemanha nazista**. São Paulo: Contexto, 2015.